



Escola popular: semeando a agroecologia no Complexo da Penha
Popular School: Sowing Agroecology in the Penha Complex

SANTOS, Ana Paula da Cruz¹; PENHA, Raiane Silva da²; GOMES, Thállita Sanches³; CASEMIRO, Juliana Pereira⁴

¹ CEM, cem.contatos@gmail.com; ² UNIRIO, raianepenha@edu.unirio.br; ³ CEM, tsgagroecologia@gmail.com; ⁴ UERJ, julianacasemirouerj@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Infâncias e Agroecologia

Apresentação e Contextualização da experiência

O Centro de Integração na Serra da Misericórdia (CEM) é uma organização comunitária sem fins lucrativos que, desde 2011, atua no Complexo da Penha, conjunto de favelas na zona norte do Rio de Janeiro, sob os eixos da educação, da cidadania e da comunicação. Sua principal frente de trabalho é a promoção da soberania alimentar na favela, o que se faz em parceria com diversos coletivos e instituições, nas bases da agricultura urbana agroecológica, buscando contemplar as pontas da cadeia produtiva de alimentos: do cultivo ao consumo. Durante seu primeiro ano de existência, buscou conquistar um espaço que possibilitasse o reflorestamento da área, desenvolvendo concomitantemente atividades educacionais, culturais, artísticas e socioambientais na APARU da Serra da Misericórdia.

Em 2017 perdeu sua sede, pois a mesma foi vendida pela pedreira (Nossa Senhora da Pedreira, já desativada, pela falta de dinheiro de lavra). Tempos depois conquistou outro espaço na mata e reconstruiu sua nova sede em formato de mutirão na comunidade, utilizando técnicas sustentáveis de bioconstrução. Por outro lado, ampliou as frentes de trabalho de maneira descentralizada, em rede, participativa e nos espaços de saúde, educação, cultura e quintais urbanos.

No mesmo ano, com a ONG AS-PTA, a Rede Carioca de Agricultura Urbana, a ESDI-UERJ, moradores e outros parceiros locais criou-se o Arranjo Local Penha, uma rede de parceiros que impulsiona o debate sobre alimentação saudável e agroecologia. O CEM apoiou a criação do coletivo Mulheres em Ação que dentre suas atividades possui uma cozinha coletiva que busca criar uma fonte de renda para as mulheres através da produção de alimentos caseiros e saudáveis, como pães, hambúrgueres veganos e quentinhas, xaropes e sabão.

Em formato de arranjos locais, o CEM realiza o fomento dos quintais produtivos promovendo intercâmbio, mutirões e envolvimento comunitário. Através da parceria com escolas da rede de ensino, estimulou e foram estimuladas e potencializadas



hortas, oficinas e processo de formação continuada. Além disso, vem realizando há 4 anos a Colônia de Férias envolvendo crianças e adolescentes das comunidades da Terra Prometida, Vila Cruzeiro, Vacaria e Estradinha na Serra da Misericórdia, com foco nas atividades socioambientais.

Participamos da fundação das feiras orgânica de Olaria e Agroecológica na UERJ, lançamos na pandemia nossas vendas virtuais, criando e gerindo o SOS Agricultura Urbana em parceria com a LADA-ESDI-UERJ, realizando entregas de produtos da agricultura urbana produzidas no CEM e nos quintais produtivos.

Este trabalho surgiu durante a pandemia de COVID-19, nesse período as aulas presenciais das escolas das redes municipais e estaduais do Rio de Janeiro foram suspensas, em busca de superar o desafio do processo de aprendizagem em casa. O CEM propõe a organização da Escola Popular de Agroecologia na Serra da Misericórdia - Construindo Raízes para o futuro. A escola popular surgiu com o objetivo de atender crianças do território da Serra da Misericórdia com diferentes faixas etárias e diferentes anos escolares para ações de educação integradas ao cuidado das hortas e quintais produtivos e fitoterápicos, a partir da articulação intersetorial entre a Atenção Primária à Saúde e Educação Popular. A proposta de construção da Escola Popular surgiu em 2020 e permanece viva até os dias atuais.

Desenvolvimento da experiência

Atualmente, participam da Escola Popular crianças de diferentes faixas etárias, que estão matriculadas em escolas das redes municipais e estaduais do Rio de Janeiro. Atuamos na produção de conhecimento a partir do reforço escolar, do manejo de hortas e oficinas integradas numa linguagem intersetorial. Cada criança tem ainda acompanhamento da saúde: ações de promoção e prevenção em saúde voltada para a área de nutrição e acompanhamento e avaliação. Fornecemos merenda escolar para crianças matriculadas na escola de agroecologia, produzido na cozinha coletiva do projeto Mulheres em Ação gerando emprego e renda para mães, na busca de autonomia.

Além das mulheres envolvidas, contamos com o apoio e parceria de moradores, educadoras populares, Atenção Primária à Saúde da área programática 3.1 (Penha) e 3.3 (Vicente de Carvalho), a partir da responsabilidade sanitária das Clínicas da Família do território, universidades e instituições de pesquisa.

Desafios

Frequentes episódios de violência armada no território, como incursões policiais violentas, impossibilita a mobilidade urbana dos moradores e conseqüentemente a realização da agenda de atividades da Escola Popular de Agroecologia. Além disso, buscamos realizar uma obra de melhoria para a confecção das refeições que as crianças realizam e produzem na cozinha comunitária.



Para isso, realizamos uma rede de parcerias para apoiar o fortalecimento com a estrutura da cozinha. Realizaremos algumas adequações no espaço a fim de que esta cozinha tenha melhores condições de uso, e que possa aumentar sua capacidade de produção e fornecimento de refeições a baixo custo, melhorando a circulação de alimento saudável na favela.

Principais resultados alcançados

A proposta inicial com a criação da Escola Popular de Agroecologia era proporcionar reforço escolar para as crianças durante o período de pandemia, no entanto, tivemos uma ampliação das atividades. Hoje as crianças participam de aulas de música, alfabetização, atividades culturais, oficinas culinárias e ações de educação integradas ao cuidado das hortas e quintais produtivos e fitoterápicos.

Disseminação da experiência

As abordagens da Agroecologia na infância, como vemos, terão que ser múltiplas, imaginativas e adaptadas a cada território, porque, se o modelo agroindustrial globalizado não serve para produzir alimentos que respeitem o meio ambiente, nem para preservar a vida e a harmonia, não podemos esperar do modelo educacional neoliberal vigente uma aprendizagem respeitosa e ética, imprescindível no contexto atual e nas perspectivas futuras.

Essa experiência pode ser fonte de inspiração para outros territórios, assentamentos de reforma agrária, agricultores(as). A partir da construção do conhecimento agroecológico na infância.